



NA TERRA DOS REIS MAGOS: O JARDIM DAS DELÍCIAS
Geysa Silva (UNINCOR)

ABSTRACT

In this paper we analyze some aspects of carnival in Angra dos Reis. We think the stereotypes of genres reflect the problems of representation in the social uses and can introduce a vision about men and women that try the carnival's efficacy to demonstrate the subjective desires.

Quando nos debruçamos para refletir sobre o carnaval, de imediato fazemos uma correlação com o prazer, com a liberação da carne como se costuma afirmar. Entregues ao culto do hedonismo, os indivíduos procuram gozar a felicidade, mesmo sabendo que ela será efêmera, pois, após os três dias, "tudo acabará na quarta-feira". Na verdade, a suspensão do tempo cotidiano e a interrupção de suas regras e limitações encobrem e, simultaneamente, desvelam um emaranhado de problemas, que vão do psicológico ao social e político, do pierrô apaixonado aos pigmeus do *boulevard*.

De fato, no Brasil, esses problemas têm aflorado nos carnavais das mais diferentes épocas, indiciados principalmente nas letras de marchinhas e sambas cantados por foliões que, de maneira consciente ou não, transformam em representação alegre e irônica a crítica e/ou o louvor ao que experimentam em suas vidas diárias. Na tradição instaurada principalmente pelo carnaval do Rio de Janeiro, empresta-se relevo a essas questões, manifestas nas letras de "Lata d'água na cabeça", do "Bonde São Januário", em "Joga chave, meu amor" e em "Mora na filosofia", por exemplo, nos quais o problema coletivo e o individual

aparecem no cantar descomprometido e gozador, mas também plenos de melancolia. Assim, do ponto de vista do estudioso da cultura, essa festa popular chama a atenção pelas contradições que encerra: a autonomia concedida ao indivíduo e a emergência do coletivo, num mesmo espaço e num mesmo momento.

Aqui vamos delimitar nosso trabalho à apreciação do carnaval em Angra dos Reis, a partir do livro *Abre Alas. História dos carnavais de Angra dos Reis*, de Aglaé Moreira dos Reis Dias e Hildebrando Heleno, livro que faz o inventário de blocos, cordões, ranchos e escolas de samba, ou seja, do chamado carnaval de rua, mas também dos clubes onde se realizavam os bailes frequentados pelos moradores da cidade e por aqueles que lá iam e ainda vão, nessa época do ano. Ilustrado com fotos relativas aos fatos que estão sendo abordados, constitui-se como fonte informativa dos assuntos, contudo servindo mais como registro de História Oral, para reflexão posterior. Lembremo-nos de que o livro pretende reeditar a História, mas

(...) as narrativas históricas são não apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos

e os signos e os tipos de estória que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados¹.

O *Abre-Alas* é o resultado do amor dos autores por sua cidade, guiados pela vontade de resgatar e gravar o que a memória fatalmente faz desaparecer, se não ficar impresso para ser consultado pelos contemporâneos e pelas gerações vindouras. Não é um livro de ensaios, pois se mantém nos limites da coleta de dados, não fossem alguns esporádicos comentários sobre a atuação de um ou outro elemento ou de algum fato. Por outro lado, não há referências bibliográficas no corpo do texto e apenas pouquíssimas fotos têm indicação de autoria. Apesar desses problemas, é possível adentrar no universo carnavalesco de Angra dos Reis e acompanhar sua história, desde que não percamos de vista a precariedade das informações que nos são fornecidas e o grau de subjetividade muito evidente em todo o texto, manifesto numa linguagem em que "o elemento figurativo é deslocado para o interior do discurso onde ele vagamente toma forma na consciência do leitor e serve como base sobre a qual o "fato" e a "explicação" se podem combinar numa relação de adequação mútua"².

A cidade de Angra dos Reis está

situada no sul do Estado do Rio, em perspectiva frontal à Ilha Grande. Sua topografia nos faz compreender, de imediato, a "visão do paraíso" que os europeus tiveram, quando aqui chegaram. A mata que, a pino, mergulha no oceano, valeu a essa região o nome de Costa Verde em clara referência à *Côte d'Azur*, no sul da França. Águas calmas povoadas de ilhas paradisíacas, que incitam à luxúria e peixes em abundância deram ao lugar um acréscimo para o interesse turístico. O espaço físico, ali e por si só, é um convite ao carnaval, à transgressão de todo e qualquer interdito, alardeando que "não existe pecado do lado de baixo do Equador".

Como a maioria das cidades de colonização ibérica, Angra vivia o predomínio da igreja católica que lhe imprimia o conservadorismo social e político, mesmo sendo um centro de trabalhadores portuários. Entretanto, o povo sempre encontrou meios para mesclar religiosidade e paganismo. As novenas, os tríduos, a Paixão de Cristo, as festas em honra aos santos, à padroeira e ao Divino eram vivenciadas de maneira a juntar o sagrado e o profano, como se pode facilmente constatar nos relatos feitos sobre a Festa do Divino, notável pelo hibridismo que marca vários aspectos de nossa identidade. O deslizamento de um

1. WHITE, 2001, p.105

2. WHITE, 2001, p.132

3. DIAS, A. M. R. e HELENO, H. 2007, p. 126-127.

4. (BAKHTIN, 1993, p. 71).

território para outro é feito tranquilamente, sem que isso afete crenças tradicionais. No imaginário popular angrense, os domínios de Deus são ampliados para proporcionar alegria a seus fiéis, na mistura de danças e orações. Observe-se o seguinte trecho do livro em questão, ao falar de um carnavalesco que se apresentava tanto em uma festa como em outra:

Britaldo

Nasceu em 29/01/1977 e, com sua burrinha, fazia grande sucesso, tanto no carnaval quanto nas festas do Divino Espírito Santo. Ele desfilava ao som de uma música própria, que diz assim:

Arranjei uma burrinha
Pra brincar o carnaval
A orelha era de mola
E o rabo de jornal
Ai...ai...ai...
Eh...eh...eh...eh...
Ah...ah...ah...ah...

Montado na burrinha
Devagar eu chego lá.³

É evidente que a *burrinha* introduz-se na festa do Divino a quebrar a seriedade do ambiente, pois suas características não estão ligadas ao piedoso nem ao contrito. Ela celebra a brincadeira, os estratagemas de que o povo lança mão para conseguir usufruir do ludismo e da

irreverência. Não importa a natureza da festa. Britaldo estava lá, a expandir sua área de ação: simula-se religiosidade e vive-se o profano, apagam-se as fronteiras entre o catolicismo e o paganismo. Ou seja, a aparente inocência da brincadeira é uma forma de escamotear a resistência às proibições vigentes e de vivenciar o *tempo alegre* de que nos fala Bakhtin. Um tempo em que

(...) tudo, sem a menor exceção, é cômico; o riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, a história, toda a sociedade, a concepção do mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, verdade que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É de alguma maneira o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso⁴

A ironia, então, como componente do riso, se faz presente, em vários aspectos do carnaval. Um deles é o tratamento concedido ao preceito máximo cristão: amar ao próximo como a si mesmo. Em Angra dos Reis, tal em outras cidades, principalmente no interior, a solidariedade para com os excluídos muitas vezes se apresenta sob a forma assistencialista. Ora, sabe-se que a caridade, falsa ou verdadeira, está ligada à religião e é feita

geralmente por mulheres de pessoas importantes da comunidade ou pelas conhecidas beatas, que a realizam para demonstrar o sentimento cristão de amor ao próximo, que, de forma discutível, é experienciado por elas ao se contentarem com ações sem nenhuma consequência duradoura para os que as recebem. Isso não escapou a um folião angrense, Cafuringa, que se fantasiava de Irmã Dulce, na década de 80. Ao travestir-se de um ícone do sacrifício e do desprendimento pessoal, Cafuringa ironiza os simuladores dessas atitudes e sua brincadeira pode ser entendida por aqueles que participam da mesma comunidade sócio-política.

Porque a ironia, como definida neste estudo, acontece em alguma coisa chamada "discurso", suas dimensões semântica e sintática não podem ser consideradas separadamente dos aspectos social, histórico e cultural de seus contextos de emprego e atribuição. Questões de autoridade e poder estão codificadas na noção de "discurso" hoje de maneira muito semelhante de como, tempos atrás, elas eram codificadas na palavra "retórica".⁵

O discurso semiótico de Cafuringa aponta para atitudes entendidas por aqueles que pertencem a determinado

meio social e que, por isso, podem decodificar facilmente a ironia nela contida.

Interessante notar o efeito da televisão, que, a partir de 1979, passa a repercutir nas fantasias e nas performances dos angrenses. Os programas humorísticos são os que mais incidem sobre as escolhas das "máscaras" a serem usadas, em especial os programas de Jô Soares e de Chico Anísio, com seu toque de crítica que chega ao deboche, como em Painho e Salu. Agora o indivíduo se multiplica, ao usar um modelo que permite a heterogênesse do humano e a atualização, embora temporária, do coletivo e do midiático.

Adotar tais personagens significa inserir-se num território onde é possível reconhecer-se como "outro", aquele que é visto na tela da televisão. Não se trata de um certo vizinho ou conhecido, mas de alguém distante e próximo ao mesmo tempo, semelhante a, porém diferente de mim e a quem posso encarnar sem preocupações. Numa época de abertura política e de acelerada expansão dos produtos tecnológicos, o carnaval proporciona ao folião novos meios de praticar a ironia, mas também de coordenar-se com sua comunidade, estabelecer ligações de codependência com ela. Adotar figuras televisivas como referências carnavala-

5. HUTCHEON, 2000, p. 36

6. LÉVY, 1996, p.63

7. DIAS, A. M. R. e HELENO, H, 2007, p. 126

lescas é mostrar-se inserido na contemporaneidade, é aproximar-se dos grandes centros urbanos e encenar intimidade com a maior rede transmissora do país. O carnaval mostra que o angrense não é um simples espectador ou consumidor de televisão. Ele dela se apropria e torna-se um coprodutor.

Por isso o consumidor de informação, de transação ou de dispositivos de comunicação não cessa, ao mesmo tempo, de produzir uma informação virtualmente cheia de valor. O consumidor não apenas se torna coprodutor da informação que consome, mas é também produtor cooperativo dos "mundos virtuais" nos quais evolui, bem como agente da visibilidade do mercado para os que exploram os vestígios de seus atos no ciberespaço.⁶

Por outro lado, a inversão de gênero aparece diversas vezes nos depoimentos recolhidos. Numa sociedade em que a palavra primeira e a final são do homem, os que decidem os destinos das mulheres (indo dos pais aos irmãos e maridos) assumem a identidade sobre a qual, no dia-a-dia, eles fazem questão de exercer o poder. Sabe-se que esse não é um aspecto apenas do carnaval angrense, pois ocorre em quase todos os lugares do Brasil onde Momo é cultuado, todavia, sendo uma cidade pequena, Angra exemplifica, de

maneira clara e identificável, na figura de seus foliões, os desejos reprimidos, as oposições à moral imposta, a solidariedade mesma com o sexo oposto, solidariedade que nem sempre tem coragem de manifestar-se e enfrentar a maioria local. E é recorrente o fato de a normalista e a prostituta serem as figuras mais escolhidas para expressarem a violação do interdito.

Que motivos levam alguém a gostar de fantasiar-se de normalista? Por que um outro se traveste de "madame de luxo"? E ser a Rainha no bloco do Reizinho? Não se pode mencionar, por ética e também por desconhecimento, os motivos pessoais que levavam a essas atitudes, contudo as reverberações coletivas fazem-se notar. O carnaval profana o sagrado, inclusive aquilo que a moral dominante consagrou como único aceitável. Acontece o impossível: os gêneros despedaçam suas fronteiras e exibem a posse de um duplo dentro de si, na alegoria até mesmo obscena da complementação. Vejam-se esses trechos do livro:

Aristides Vernay

Esguio, magérrimo, gostava de se fantasiar de "madame de luxo". Leque, colares, pulseiras, chapéus, enfim, procurava usar todos os complementos possíveis para valorizar a sua performance⁷

Pingüim

Irreverente, quando não se vestia de normalista nos carnavais - fantasia que mais gostava, encarnava algum personagem da história angrense, inclusive imitando com perfeição os trejeitos e a voz⁸

Zinho

A fantasia que Zinho mais gostava de usar era a de normalista. Saía com uniforme escolar e carregando livros na mão, fazendo um tremendo sucesso⁹

Observações:

- 1) Há uma foto de Zinho fantasiado de baiana, na mesma página da citação.
- 2) Os negritos são nossos.

A utopia de um mundo sem diferenças de sexo e de etnias emana desses foliões que acenam com o jardim das delícias, onde todos podem extravasar seus instintos e derrubar hierarquias. A vida desconhece, nesses dias, as barreiras que a tradição impõe. Ao invés da atitude respeitosa diante da normalista, futura professora, portanto aquela a quem será entregue a transmissão do conhecimento, o folião realiza uma paródia dessa figura, exhibe o pensamento popular que é satírico e abandona o corpo individual para integrar-se com o outro, que lhe é simultaneamente próximo e distante. A professora é arrancada do lugar de seu

suposto saber (no sentido lacaniano da expressão) e torna-se a mulher que, pela inocência ou pela malícia, atrai os discípulos para participarem do banquete da carne que é oferecido nas ruas e nos salões. Veja-se uma letra de música dirigida às normalistas:

Vem, vem, menina
Se dourar no Camorim
Onde a natureza se casou com a
beleza,
E se fez mais linda que o jasmim
Quero ver-te de baiana
Com cadência e muita gana
Heroína e sensual ¹⁰

Vê-se que o mito de uma sociedade moralista, onde qualquer transgressão é punida com repúdio, cai por terra, quando se constata a forma como é vivenciado o carnaval angrense. No carnaval, as ruas de Angra dos Reis se transformam em um palco, onde o insólito da inversão sexual, abominada no cotidiano, é aceita como deboche, ou até obscenidade consentida. Que se ridicularizem as grávidas, as normalistas e as prostitutas! Há uma parte de todas elas no inconsciente de cada folião travestido, em cada assistente que aplaude ou que se cala, uma parte pronta a manifestar-se, ainda que não liberta por completo da repressão social. Uma parte que almeja adentrar o

8. DIAS, A. M. R. e HELENO. H, 2007, p.133.

9. DIAS, A. M. R. e HELENO. H, 2007, p. 137.

10. DIAS, A. M. R. e HELENO. H, 2007, p. 113.

11. DIAS, A. M. R. e HELENO, H, 2007, p.141.

Jardim das Delícias para, ao exibir o *charme discreto* da elite angrése, extravasar seus *obscuros objetos de desejos*. O povo encontra no carnaval um derivativo para seus preconceitos, ainda que, através desses comportamentos, a ordem social perca gradualmente sua credibilidade.

Saliente-se que, a essa abertura, corresponde um fechamento. Nada impedia de a igreja católica, por exemplo, opor-se a que seus fiéis se entregassem à alegria geral. O *Abre alas* conta um episódio lembrado por um folião:

Seu Lino lembra que embora gostasse muito de usar, no carnaval, calça branca e camisa de cetim colorida, certa vez se fantasiou de mulher e, todo entusiasmado, foi para o banho de mar à fantasia que acontecia na Praia do Anil sem perceber que o Vigário da Paróquia estava na janela o avistou, quando passou. No dia seguinte, Seu Lino foi expulso da Congregação Mariana¹¹

A interrupção dos interditos não significa que eles foram abolidos. No episódio acima relatado, fica patente o choque entre duas concepções de vida. O esplendor dionisíaco do carnaval incomoda uma religião que prega o ascetismo e a continência. Como poderia um congregado mariano, devoto da

Virgem, que é o ícone por excelência da pureza e abstinência de sexo, entregar-se ao despudor do travesti?

Deve-se registrar que, mesmo antes de os desfiles *gays* se tornarem famosos em todo o país, Angra já incluía em seu carnaval, no ano de 1989, o concurso para escolher a *Rainha Gay*, apoiado pelo secretário de Cultura da época, José Miguel Filho. Há, portanto, o reconhecimento institucional de um outro gênero além do masculino e do feminino. A sexualidade fica a deriva, não consegue sustentar a diferença e passa a situar-se entre o verdadeiro e o falso, num espaço intermediário entre o masculino e o feminino. A prefeitura reinventa o aceite, ao transformá-lo num evento atraente para os turistas. De qualquer forma, essa é uma atitude significativa no universo cultural de Angra e provoca a mutação do ambiente, na esteira da festa carnavalesca.

Agir sobre seu meio, por pouco que seja, mesmo de um modo que se poderia pretender puramente técnico, material ou físico, equivale a erigir o mundo comum que pensa diferentemente dentro de cada um de nós, equivale a secretar indiretamente qualidade subjetiva e trabalhar no afeto. Que dizer então da produção de mensagens ou de relacionamentos? Eis aí o nó da moral: vivendo, agindo, pensando,

tecemos o tecido mesmo da vida dos outros¹².

Afinal, quando se está efetivamente usando a máscara? No carnaval, ou nos dias normais? Onde se escondem o ser e o parecer? Seria possível que essas pessoas vivessem a duplicidade sem conflitos? Sob o signo da licença festiva, somos conduzidos ao ambíguo itinerário da dissimulação e da liberdade de agir. O carnaval torna a duplicidade sexual palpável, revira os princípios morais ao provocar risos com gestos e comportamentos que conseguem a adesão dos espectadores e neles introduzem ideias e pulsões reprimidas, algo que se apossa do corpo e fornece a senha da devassidão.

Entretanto, nem tudo é o que parece. Observe-se que as mulheres não saíam vestidas de homens. Pelo menos o livro não nos informa nada sobre isso. Ou seja, mesmo no carnaval, o feminino é um gênero a quem não se permite quebra de tabus e de quem se exige uma postura adequada aos padrões impostos pela cultura local, em todo e qualquer momento. O código de valores implícito no senso comum ficaria ultrajado com o evidente desaprumo de seu sistema. Nesse ponto torna-se clara a incompatibilidade entre a qualificação ética que a comunidade exige e a libertação dionisíaca. Os

portões do *Jardim das Delícias*, como na Grécia Antiga, não estão abertos a todos. Ao hierarquizar os gêneros, o carnaval de Angra dos Reis expressa a afirmação das diferenças e o adiamento do encontro com a igualdade. Afinal, onde estavam as mulheres?

Nos lugares de sempre: como porta-bandeira, como organizadoras de blocos familiares e bem comportados, como D. Ivonete, que criou um bloco, conhecido por seu nome, praticamente para suas filhas desfilarem e onde a fantasia predominante era a de baiana; como Conceição Brasil dos Reis, que organizou o bloco Feliz Idade, ao realizar um dos sonhos de sua mãe: "o de promover uma atividade que envolvesse crianças e idosos- por que não um bloco de carnaval, aonde as crianças de até 12 anos e os maiores de 60 não tivessem nenhuma despesa para participar do desfile?"¹³; como Rita Salomão e Valéria Palleologo, criadoras do *Bloco da Educação*, constituído por profissionais da Secretaria de mesmo nome etc. Essas iniciativas dão o tom de moralismo necessário ao carnaval de Angra que, assim, pode afirmar o comprometimento com a *nomia*.

Percebe-se que, com o correr dos anos, foram aparecendo as escolas de samba, com desfiles *à la* Sapucaí, portanto

12. (LÉVY, 1996, p.109)

13. (DIAS, A. M. R. e HELENO. H, 2007, p.79)

14. DELEUZE e GUATTARI, 1966, p.190

com mulheres semi-despidas, carros alegóricos e tudo o que for possível importar das idéias do carnaval carioca. Ressalte-se, contudo, que, o *Abre- Alas*, no capítulo intitulado "Destaques do carnaval angrense" (p.126 e seguintes), não aparece nenhum nome de mulher. Elas são coadjuvantes, nunca as protagonistas de um espetáculo, em que o teatro da moral vigente se disfarça, mas se faz notar de forma subreptícia, ao excluí-las da boca de cena para colocá-las no pano de fundo. Na Terra dos Reis Magos, o corpo sem órgãos deleuziano usa o carnaval para fazer a modelagem das máquinas desejantes pelas máquinas sociais, esmagando o desejo.

O factor principal a respeito de tudo isto é, sem dúvida, o tipo ou o gênero de inscrição sócia, o seu alfabeto e caracteres: a inscrição do socius é, com efeito, o agente de um recalçamento secundário ou "propriamente dito", que se encontra necessariamente em relação com a inscrição desejante do corpo sem órgãos, e com o recalçamento primário que este já exerce no domínio do desejo -e esta relação é essencialmente variável.¹⁴

Restam os clubes que, desde os finais do século XIX (1871), animavam a população angrense com os bailes na Sociedade Dançante Primeiro de Agosto

e o Recreio dos Artistas. Outros clubes surgiram e desapareceram, porém desde a década de 40, do século XX, o Commercial e o Vera Cruz tiveram bailes em suas sedes, realizando concursos de fantasias e de Rainha do clube; seguidos posteriormente pelo Aquidabã e pelo Esporte Clube São Bento, essas agremiações reservam para si uma festa não tanto popular, vivenciada por uma classe média minoritária e desejosa de exibir sua marca social.

É sobre os signos paradoxais dessa festa de face dupla, expressos pela libertinagem e pela repressão, que a Terra dos Reis Magos faz do carnaval a máscara da vontade livre, erigindo-a como prática de vida. Na inversão de sexos, nas críticas bem-humoradas, nos bailes e nas ruas, persegue-se o efeito da catarse, na astúcia da simulação. A luta entre Eros e Tanathos, entre a alegria de viver e o medo do gozo cerram a cortina de certos interditos para exibir o *Jardim das Delícias*, onde o homem comum procura sobrepujar as pulsões de morte e festejar o princípio do prazer. A conexão entre prazer e vida, mais que em Dionisos, é em Epicuro que vamos aí encontrar, pois ainda existe uma escala para a fruição e a virtude, que de alguma maneira deverá, enfim, ser preservada, mesmo às custas do encarceramento do desejo.

Referências

- BAKHTIN, Mikail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. Trad. Tara Frateschi. São Paulo- Brasília: Ed. UNB/HUCITEC, 1993.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assirio e Alvim, 1966.
- DIAS, Aglaé M.R. e HELENO, H. Abre alas. Rio de Janeiro: Imprensa Express Gráfica, 2007.
- HUTCHEON, Linda. Teoria e política da ironia. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.
- WHITHE, Hayden. Trópicos do discurso. São Paulo: Ed, USP, 2001.